

# PS quer sentar PSD à mesa

O GOVERNO deverá antecipar a entrega do Orçamento do Estado (OE) para 2011 e iniciar mais cedo as conversações com o PSD. As agendas dos ministros estão a ser 'fechadas' para que o documento possa ser apresentado dia 12. Os sociais-democratas, e também o CDS, já avisaram que só irão sentar-se à mesa com o Governo depois de entregue o documento no Parlamento. Isto, apesar do tom agressivo ter dominado o debate quinzenal (ver texto em baixo).

Fonte governamental diz que a pressa tem mais a ver com a tentativa de acalmar os mercados, faltando só concluir a parte técnica do documento. Em anos anteriores, o OE tem sido entregue a 15 de Outubro.

José Sócrates anunciou esta quarta-feira um pacote de medidas duras para este ano e o próximo que visam sobretudo a função pública (depois do bónus de 2,9% de aumentos em 2009, ano eleitoral).

O *timing* do anúncio foi cirúrgico: dois dias depois de a OCDE ter revelado um relatório (feito com a colaboração de Portugal) a apontar precisamente a receita que Sócrates viria a aplicar (aumento de impostos e corte da massa sa-

larial) e mal terminou a ronda de audiências em Belém. No início da semana, depois de voltar dos EUA, Sócrates chamou a S. Bento os principais banqueiros para lhes antecipar linhas do OE, nesse esforço de acalmar os mercados.

Isto numa semana que tinha começado com o esticar máximo da corda – o PM a ameaçar demitir-se (cenário que subsiste) se o OE for chumbado e Passos Coelho a anunciar que não voltará a falar a sós com Sócrates.

## Antecipar-se a novas críticas em Bruxelas

O Presidente da República, por seu lado, tornou-se um aliado na viabilização do OE. «Ele tem a noção do que é necessário fazer», comentou ao *SOL* fonte do Governo, desvalorizando ganhos para a recandidatura presidencial.



## Socialistas apontam o dedo às contradições de Sócrates nos últimos meses

do, líder parlamentar social-democrata, não poupou nas críticas: «Aquilo que acabou de dizer é próprio de alguém politicamente inimputável». O líder do Executivo responderia, acusando o PSD de prejudicar o País ao manter a incerteza sobre a aprovação do OE. «A única coisa que sabem trazer ao debate político é a agressividade e o insulto», disse.

Com o CDS, o tom não foi

Por outro lado, Sócrates e Teixeira dos Santos quiseram pôr cá fora as novas medidas de austeridade antes do Ecofin de ontem. Em vez das habituais críticas, já ouviram elogios em Bruxelas, nomeadamente do presidente do Eurogrupo, Jean-Claude Juncker.

Os 3,4 mil milhões de euros de redução da despesa face aos 1,7 mil milhões de receita para 2011 são o maior argumento do Governo para negociar com o PSD a abstenção no OE. «Ninguém pode acusar o Governo de falta de coragem. Agora é a vez do PSD», avisa um socialista.

Os cortes do Governo representam um choque brutal, à luz daquilo que os responsáveis socialistas diziam até há poucos meses. Em Junho, na AR, Sócrates garantia: «o aumento de impostos [do PEC II] é suficiente para os objectivos traçados para 2010 e 2011». Em Agosto, Sócrates congratulava-se com o facto de Portugal ser um dos primeiros países a «sair da recessão técnica». E há 15 dias, classificava de «alarmistas» as notícias de descontrolo da dívida pública.

A justificação do Governo – agora acusado por vozes socialistas de falta de «credibilidade» –, é a de que as

novas medidas foram descartadas em Maio, no PEC II, para evitar efeitos recessivos, mas que entretanto se tornaram incontornáveis. «Sei que estas medidas têm efeito recessivo, por isso só se tomam em última ratio», disse ontem o PM. Na reunião da Comissão Política, Sócrates tinha-se irritado com as críticas de Ricardo Gonçalves e admitiu mesmo não ter medo de perder as eleições.

À saída dessa reunião, Vera Jardim admitiu que as medidas agora anunciadas deviam ter sido tomadas há mais tempo e que terão que ser bem explicadas aos portugueses. E deputado Marcos Sá questionou Sócrates sobre a necessidade de uma remodelação. «Com o que vamos enfrentar, os ministros têm que ser políticos a sério, de grande craveira e não amadores e académicos», explicou ao *SOL*. António José Seguro faltou à reunião.

Ontem, na reunião do grupo parlamentar, foi a vez de João Galamba chamar a atenção para as contradições de Sócrates.

Certo é que, no Governo e no PS, teme-se o aumento de contestação social já este ano e em 2011.

Helena Pereira

# Debate quinzenal crispado

O GOVERNO quer aprovar o Orçamento (OE) para 2011 à direita, mas nem por isso José Sócrates baixou ontem o tom da crispção, no debate quinzenal no Parlamento, com as bancadas do PSD e CDS. A resposta foi na mesma moeda: o discurso inicial do primeiro-ministro foi brindado com os aplausos do PS... e uma 'pateada' vinda da direita do hemiciclo.

Na reacção ao discurso de Sócrates, Miguel Mace-

do, líder parlamentar social-democrata, não poupou nas críticas: «Aquilo que acabou de dizer é próprio de alguém politicamente inimputável». O líder do Executivo responderia, acusando o PSD de prejudicar o País ao manter a incerteza sobre a aprovação do OE. «A única coisa que sabem trazer ao debate político é a agressividade e o insulto», disse.

Com o CDS, o tom não foi

muito diferente. Paulo Portas quis saber se o Governo mantém ou não as grandes obras públicas, Sócrates escolheu outro tema para a resposta – submarinos (a primeira factura de 500 milhões de euros entra em 2011 no OE). A conversa acabou azeda. «Da última vez disse-lhe com frontalidade 'saia'. Pergunto-me o que é que o País ganhou por continuar aí», afirmou Portas. «Nunca me passou pela cabeça

qualquer intenção de me ir embora», respondeu o líder do executivo.

Sócrates acabou por ser mais concreto nas respostas ao BE e PCP. Pelo caminho, voltou a desmentir o ministro das Finanças, (ausente em Bruxelas), afirmando que os cortes salariais na função pública se aplicam «este ano». Na quarta-feira, Teixeira dos Santos corrigiu o PM, referindo que os cortes são para ficar.

S.F.